

Brasília: na faixa dos 50 anos

LUIS TURIBA

Jornalista

Os brasilienses têm o maior orgulho de viver em uma cidade onde as faixas de pedestres são respeitadas por quase todos os motoristas. Esse gesto de civilidade, simples no cotidiano da nossa gente, mas gigantesco, transcendente mesmo, no seu significado simbólico e prático, é uma das mais importantes conquistas dessa novíssima sociedade que é a brasiliense.

É, portanto, um ato de cidadania dos moradores da cidade-capital. E mais: uma conquista da sociedade, algo acima dos partidos, das tendências políticas, dos governos, dos arranjos e dos conflitos entre os entes que formam essa pulsante comunidade.

Chegar a uma faixa de pedestres, estender o braço como um maestro do trânsito e atravessá-la pé ante pé, confiando nossa própria vida aos motoristas que com certeza vão frear e parar, respeitando-nos como cidadãos, é sem dúvida uma atitude cultural imensurável. Que beleza: o homem, afinal, vence a máquina.

Dessa forma, a faixa de pedestres faz parte da cultura brasiliense, assim como também faz parte da história dos Beatles — quem não se lembra da capa de *Abbey Road*? Aquele abanar de mãos, que paralisava por segundos as máquinas mortíferas da velocidade, dá uma auto-estima especial à nossa gente. Quando alguém fala mal de Brasília em outros centros urbanos, dizendo que aqui há uma concentração de corruptos, ou que nossa juventude costuma incendiar índios, reagimos elogiando, entre outras, a bandeira das faixas de pedestres. Que outro lugar do país — Curitiba, talvez — os carros param para os pedestres atravessarem tranquilamente? Por essas e por outras, e sem medo de cair no ridículo, podemos até pensar em proclamar como patrimônio cultural de Brasília a faixa de pedestres.

Mas não vamos parar por aí. Tudo isso nos leva a olhar para frente e fazer uma reflexão maior: qual é mesmo o destino cultural que queremos dar à nossa cidade, à nossa gente? E falamos aqui em cultura no seu sentido maior, antropológico, existencial, vivencial. Cultura como afirmação de um povo, de uma sociedade, de uma nação. Afinal, Brasília é a síntese maior da sociedade brasileira dos últimos 50 anos. Brasília é a modernização, a urbanização, a globalização do país. Síntese política, econômica, social, ambiental e cultural. Aqui os brasileiros plantaram o seu melhor e o seu pior. O progresso e o avanço, mas também as injustiças sociais. Os belos jardins, sempre ameaçados pelas ervas daninhas oriundas de 500 anos de colonização e concentração de renda.

A aventura da construção e consolidação da nova capital é um exemplo marcante da força inventiva do povo brasileiro. Um momento histórico e único onde houve uma confluência energética de ousadas forças políticas; invenção de uma arquitetura tropicalista; e força braçal e trabalhadora de um povo mestiço afirmando a cal, pedra, tijolo, ferro e cimento a sua vontade de vencer obstáculos, sua busca incansável de encontrar na nova terra seu destino planetário.

O Brasil mora em Brasília. Brasília, capital brasís. E cidade-espacial é um exemplo para o mundo. Assim, o brasiliense tem um destino de vanguarda a cumprir ao atravessar a faixa de pedestres dos 50 anos. Trata-se de montar, a partir de hoje, um projeto cultural suprapartidário para 2010 e que tenha um alcance para os próximos 50 anos. Um projeto que entrelace e dê irmandade entre o popular e o erudito; o clássico e o experimental; as cidades periféricas e o Plano Piloto; os que são daqui e os que estão por aqui.

Brasília tem o título de Patrimônio Cultural da Humanidade proclamado pela Unesco. Não podemos descuidar de tal honraria. Sem vacilação diante da especulação. O Plano Piloto é único e não pode sofrer arranhões.

Somos, portanto, a cidade-espacial da arquitetura. Mas somos também a cidade da poesia, dos museus, da música, das artes plásticas, do cinema, da juventude, da moda, do designer, do verde, da informática e, por tudo isso, da inclusão social.

Brasília tem tudo para atravessar também a faixa de pedestres que divide e martiriza ricos e pobres, marginalizando milhares de jovens que vagam por aí sem rumo, sem emprego, sem educação e sem cultura. 2010 é aqui e agora. Mãos à obra!